

LITERATURA, INTERCULTURALIDADE E ALTERIDADE NO ROMANCE *HIMMELFARB*, DE MICHAEL KRÜGER¹

LITERATURE, INTERCULTURALITY AND ALTERITY IN MICHAEL KRÜGER'S NOVEL *HIMMELFARB*

Ana Beatriz Vasques de Araujo²

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise sobre o colóquio entre literatura e cultura do romance *Himmelfarb*, de Michael Krüger, considerando a análise do pesquisador em terras estrangeiras e suas interpretações acerca dos povos indígenas, bem como sua relação com eles. Este trabalho explora a complexidade da personalidade dos protagonistas em um relacionamento de duas vidas profusamente diferentes, mas intencionalmente ligadas, e como essas características pessoais desenham as relações humanas. O confronto de culturas e seus efeitos frente a doutrinações etnocêntricas convida a antropologia a essa reflexão, examinando o estudo das diferenças culturais e étnicas, tendo a alteridade como elemento estrutural ao escritor e etnógrafo.

Palavras-chave: *Himmelfarb*. Literatura. Interculturalidade. Alteridade. Etnólogo. Etnógrafo.

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the colloquy between literature and culture of the novel *Himmelfarb* by Michael Krüger, considering the researcher's analysis in foreign lands and his interpretations about indigenous peoples, as well as their relationship with them. It explores the complexity of the protagonists' personality in a relationship of two profusely different, but intentionally linked lives and how these personal characteristics shape human relationships. The confrontation of cultures and their effects in the face of ethnocentric indoctrinations invites anthropology to this reflection, examining the study of cultural and ethnic differences, with alterity as a structural element for the writer and ethnographer.

Keywords: *Himmelfarb*. Literature. Interculturality. Alterity. Ethnologist. Ethnographer.

¹ Artigo recebido em 21 de abril de 2020 e aceito em 24 de junho de 2020. Texto orientado pelo Prof. Dr. Paulo Astor Soethe (UFPR).

² Aluna do Mestrado bilateral em alemão como língua estrangeira (UFPR / Universität Leipzig).



INTRODUÇÃO

O romance *Himmelfarb*, de Michael Krüger, foi publicado em 1993, em Salzburg. O título em português, *A última página*, foi traduzido por Sérgio Tellaroli e lançado em 1995, em São Paulo.

Michael Krüger nasceu em 9 de dezembro de 1943, em Wittgendorf, na Alemanha. É um escritor, poeta, editor, tradutor alemão e ganhou vários prêmios literários (KRÜGER, 1997, p. 131). O romance trata das diferenças entre os homens, indo além de raça, cor e credo, mas também de caráter — da incapacidade de compreender o estranho, o diferente (contracapa).

O romance de Krüger é um misto de reflexão, revelação e confissão de Richard, único nome que aparece no texto para o narrador de 80 anos, um proeminente etnólogo, cujo prestígio se baseia em uma obra publicada sobre um estudo a respeito dos povos indígenas brasileiros, feito durante a Segunda Guerra Mundial.

O livro oferece a experiência do confronto de culturas e seus efeitos frente às doutrinações nazistas; evidencia as idiosincrasias do povo alemão, nas décadas de 1930 e 1940; e expõe, ainda, a questão do plágio e do conflito de uma amarga vida roubada, que corrói Richard em sua solidão. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma análise intercultural, ao tratar dos obstáculos comunicativos abordados na obra. Os processos de interação envolvidos e a preservação ou não de relações com base em princípios como julgamento e respeito mútuo também são discutidos no texto.

O capítulo IV do romance discorre sobre uma briga de galos na cidade de São Paulo, convidando, desse modo, a um diálogo com a antropologia nessa reflexão entre literatura e cultura. Claus Altmeyer, em seu livro *Kultur als Hypertext*, faz menção ao trabalho do antropólogo americano Clifford Geertz. O antropólogo faz uma análise das atribuições do etnólogo/etnógrafo³ na construção interpretativa do objeto etnológico no processo da escrita etnográfica e seu dilema no contraste entre realidade e produção escrita, fruto da observação dessa realidade (ALTMAYER, 2004, p. 130). O americano ilustra seu trabalho a partir da representação da briga de galos balinesa, que é “fundamentalmente uma

³ Etnologia é o estudo ou ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia na esfera da antropologia cultural e social, investigando análises e comparações das culturas e civilizações (ETNOLOGIA, 2020). A etnografia é o procedimento utilizado pela antropologia na coleta de dados e se baseia no contato intersubjetivo entre o antropólogo e o seu objeto, seja ele uma aldeia indígena ou qualquer outro grupo social (PEIRANO, 2019). A base de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo (PEIRANO, 2019).



dramatização das preocupações de status” (GEERTZ, 1978, p. 304). Desse modo, será feita também uma abordagem sobre a relação da rinha de galo, apresentada no livro, e os estudos de Geertz em relação à tarefa do etnólogo/etnógrafo, na construção crítica de seu objeto etnológico.

INTERCULTURALIDADE: UMA ANTROPOLOGIA DO EU E DO OUTRO

A obra de Michael Krüger trata das memórias de Richard quando esteve no Brasil, durante dois anos, patrocinado por uma bolsa de estudos do Terceiro Reich. Seu propósito era observar os povos indígenas, com o objetivo de vincular o conceito de raça e cultura, sob a visão racista e etnocêntrica, e coletar dados para sua tese de doutorado.

Suas amargas e confusas memórias se confundem com a própria cronologia do livro, que embaralha fatos presentes com recordações da época em que esteve no Brasil, entre os anos de 1939 e 1941. O emaranhado de recordações e confissões vai aos poucos revelando a fraude vivida por Richard, na época um jovem etnólogo, formado pela Universidade de Leipzig, que precisava de um guia experiente para sua empreitada na floresta brasileira. Himmelfarb aparece, então, como seu redentor, por conhecer as florestas intimamente e falar várias línguas indígenas. Entretanto, apresenta justamente as duas características — comunista e judeu —, que seu fanático professor nazista e orientador de seus estudos do doutorado havia sugerido que evitasse, de modo a não contaminar a objetividade da pesquisa: "Meu professor me alertou para evitar contato com exilados, comunistas ou judeus ou ambos, por causa do perigo de que eles pudessem influenciar minha pesquisa, (...)”⁴ (KRÜGER, 1997, p. 23).

Leo Himmelfarb, seu guia no Brasil, era um judeu da Galícia que praticamente desenvolveu e articulou todo o trabalho compilado por Richard, trabalho esse que se tornou uma obra literária e que o fez famoso pela aclamada carreira que o livro proporcionou. E é justamente uma carta de Leo, reivindicando seus direitos autorais, que irrompe as memórias de Richard, trazendo à tona a reflexão da amarga constatação de sua própria falta de autenticidade.

Os dois protagonistas apresentam diversos posicionamentos antagônicos. Enquanto Himmelfarb sentia necessidade de manter contato com os indígenas, perceber suas necessidades e ampará-los, Richard não demonstrava

⁴ No original: “Mein Professor hatte mir eingeschärft, keinesfalls Kontakte zu Emigranten zu suchen, Kommunisten oder Juden oder beides zusammen, da Gefahr bestand, dass sie Einfluss nehmen könnten auf meine Forschung, (...)” (As traduções aqui apresentadas foram feitas pela autora deste artigo).



seus sentimentos e sentia repulsa aos nativos⁵, criticando-os amiúde. Na realidade, a situação em que Richard se encontrava lhe era bastante desconfortável e ele não via a hora de se livrar dela: "Eu queria ir embora, de volta à Alemanha. (...). Não estava interessado em indígenas, nesses humanos selvagens envolvidos em sua embriaguez e suas brigas" (KRÜGER, 1997, p. 26)⁶.

Essa sensibilidade de Leo Himmelfarb, que lhe possibilitou o aprendizado do idioma local, bem como seu envolvimento com os povos indígenas e que o tornou o verdadeiro líder de toda pesquisa, incomodava demasiadamente Richard. O doutorando tinha sérios entraves em se comunicar com os nativos, demonstrando intolerância às suas tradições e práticas. Além disso, as atitudes de Leo representavam a aspiração intelectual que o alemão da época de Hitler não tinha.

Durante a investigação em campo, Himmelfarb mostra-se um competente organizador dos espaços indígenas, providenciando alimentos e assentamentos, e logo se familiariza com a fundamentação científica da pesquisa de Richard. O estudante de Leipzig, tendo consciência de sua desvantagem intelectual e adaptativa, revela-se um torpe explorador do talento de Leo. Quando o judeu adoece, Richard não só não hesita em deixá-lo à beira da morte, na floresta, como reúne todo o material antropológico ditado pelo agonizante companheiro, que o faz crendo na consumação de seu tempo (BOYD, 2019).

Anos depois, Richard publica o livro, fruto da investigação dos povos indígenas no Brasil, como único autor. A obra lhe garante fama e reconhecimento e ele a dedica a Himmelfarb, que lhe envia uma carta no seu octogésimo aniversário, reivindicando seus direitos sobre a produção literária. Assim, os dois decidem se encontrar. A partir desse ponto, suas reflexões, contemplos e seus raciocínios se intensificam e começam a girar em torno do próprio questionamento de sua existência, sob a expectativa de se deparar frente a frente com o homem que delineou seu destino.

A vida de Richard foi construída com base no recurso do plágio e na traição ao seu companheiro, a quem ele deve todo o seu trabalho. Como o próprio Himmelfarb escreve na carta: "(...) — sim, você é um ladrão de línguas — (...)"⁷ (KRÜGER, 1997, p. 43). Essa debilidade moral é a tipificação do momento histórico alemão que instiga a relação dos dois. Enquanto Richard estava preocupado com os princípios de hierarquia tipicamente nazistas para controlar seu relacionamento com as pessoas, Leo estava envolvido no movimento de solidariedade, no ato de doar e de ajudar, mas também de aprender (p. 97).

⁵ Aqui, o termo nativo foi usado de maneira proposital, já que ele carrega associações coloniais negativas condizentes com a concepção de Richard.

⁶ No original: "Ich wollte weg, nach Deutschland zurück. (...) Ich interessierte mich nicht für Indianer, für diese verwilderten Menschen und ihren Hang zu Trunksucht und Streit."

⁷ No original: "(...) — ja, Du bist ein Sprachdieb — (...)."



Enquanto Richard refletia o caráter de controle e repressão da Alemanha de Hitler, demonstrando seu escasso interesse pelos seres humanos, Leo, um judeu comunista, espelhava sua própria filosofia marxista no envolvimento da condição humana. Em suas palavras: "Nos dois anos, construímos uma vila considerável, administramos uma agricultura adequada, (...)"⁸ (p. 70).

Richard sempre se refere a Leo, o verdadeiro líder da expedição, como seu ajudante, assumindo um posicionamento superior. Ele se intitula o chefe do grupo de pesquisa e Himmelfarb seu subordinado. Esse rótulo identificatório espelha a fanática relação entre o judeu e o nazista, que não permite, em nenhum momento, reconhecer a superioridade de um judeu sobre um nazista. Por esse ângulo, o romance representa uma construção intercultural, na medida em que as questões da identidade, da interculturalidade e do outro são apresentadas no texto, por meio do contato entre Richard, Leo e uma cultura estrangeira. As diferenças culturais entre dois europeus e os povos indígenas são percebidas quando eles entram em contato e vivenciam seus contrastes. Nessa perspectiva, a noção do outro, do estranho, realiza um importante fator na construção da identidade dos indivíduos. "O estranho é, portanto, parte de uma definição de relacionamento cultural-distintivo, que apenas permite a autodefinição, uma vez que toda autodescrição deve reivindicar alteridade, da qual o *eu* se distingue demarcadamente"⁹ (GUTJAHR, 2002, p. 354). Entretanto, Richard se recusa a aceitar a multiplicidade da experiência a que ele é exposto, do mesmo modo que se recusa a aceitar sua inferioridade em relação a Leo. Nesse curso, ele projeta todo seu sentimento de desvantagem na convivência com os indígenas, fazendo, possivelmente, um deslocamento¹⁰. Himmelfarb possui um olhar antropológico para o entendimento da diversidade humana, dispõe de reflexos ideológicos positivos que valorizam essa diversidade, além de guardar a ideia de multiculturalismo que pressupõe a existência de múltiplas culturas que fazem jus ao reconhecimento (MONTERO, 2020). Ao questionar a legitimidade da cultura indígena, impondo a cultura alemã como mais valedoura, Richard destrói a identidade destes povos, revelando um "etnocídio epistêmico" (SEVERINO, 2019), retirando a garantia de sua identidade.

⁸ No original: "Wir haben in den zwei Jahren ein ansehnliches Dorf errichtet, betrieben eine ordentliche Landwirtschaft, (...)."

⁹ No original: "Das Fremde ist demnach Teil einer kulturdistinktiven Beziehungsdefinition, die erst Selbstdefinition ermöglicht, da jede Selbstbeschreibung Alterität, von der sich das Selbst abgrenzend profiliert, in Anspruch nehmen muss."

¹⁰ **Deslocamento**, em alemão *Verschiebung*, é um termo da psicanálise cunhado por Sigmund Freud e que denota um mecanismo de defesa inconsciente, que faz com que a mente transfira uma reação emocional de um objeto ou pessoa para outro objeto ou pessoa (FREUD, 1991, p. 208). O deslocamento ocorre quando não podemos tomar uma atitude consciente e, inconscientemente, é encontrado outro modo de liberar a energia psíquica (p. 209). No romance, Richard não queria reconhecer sua inferioridade em relação a Leo Himmelfarb e, provavelmente, deslocou seu recalque para a relação com os indígenas, na qual ele se sentia superior.



A não aceitação das diferenças culturais provoca não só a discriminação e a rejeição a essas distinções, como também sua repressão, em nome da busca de uma “unidade irreal” (SEVERINO, 2019). Nesse sentido, a história humana é contada pelo detentor da unidade, que é o detentor do poder, tendo possivelmente, em sua agenda, a dificuldade do reconhecimento da alteridade “como singularidade do outro” (SEVERINO, 2019). Essa inabilidade de suplantar o etnocentrismo encerra o observador e dominador da identidade, em seu modo cultural de ser (SEVERINO, 2019). Richard, o etnólogo e observador de outra cultura, não consegue se desvencilhar de sua intolerância impregnada pelo reducionismo biológico nazista, o que o leva sempre a sinalizar sua pretensa fundamentação das diferenças, “desconhecendo a dimensão sociocultural que as produziram” (SEVERINO, 2019). Entretanto, como todo o trabalho foi coordenado por Leo Himmelfarb, tudo leva a crer que o posicionamento germanocentrista de Richard não foi manifestado na obra que, muito provavelmente, revelou as convicções de Leo.

O fato de Richard escrever uma obra literária baseada em uma experiência em terras brasileiras, servindo-se do uso das observações e descrições de Himmelfarb, remete-nos à ideia de Clifford Geertz sobre a questão da assinatura — da construção de uma identidade literária (GEERTZ, 1988, p. 9). Leo Himmelfarb constrói interpretativamente seu objeto etnológico, no seu processo de escrita etnográfica e, indubitavelmente, imprime sua vivência pessoal. “A personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados” (PEIRANO, 2019). Foram os escritos de Leo que levaram ao sucesso da obra de Richard. Ao viver sob a sombra de Leo, Richard não só plagiou sua obra, mas também sua perspectiva e existência.

A BRIGA DE GALOS: IDENTIDADE, ALTERIDADE E ESCRITA

Os aspectos da analogia entre interpretação de texto e ciência humana hermenêutica, o aspecto do objeto e o aspecto do método são abordados por Geertz, ao equacionar a cultura de um povo com um conjunto ou uma montagem de textos (ALTMAYER, 2004, p. 130). O antropólogo americano compara a etnologia, a investigação de formas culturais, com a penetração em outra forma de vida (GEERTZ, 1988, p. 5), testemunhada etnograficamente por um texto literário. Nesse sentido, um texto reflete a cultura de um povo sob o olhar do observador e sua interpretação. Muito provavelmente, o sucesso da obra de Richard deve-se ao olhar antropológico de Leo e à sua habilidade literária. Cabe, aqui, a indagação de que, se Richard tivesse produzido o material com toda sua



antepaixão, cisma e intolerância, mesmo que camufladas, talvez o livro não alcançasse a repercussão que obteve.

O pressuposto do antropólogo americano Clifford Geertz aparece em seu ensaio sobre a briga de galos balinesa, publicado pela primeira vez, em 1972, e se tornou referência nos estudos acadêmicos de tal aplicação. Segundo ele, a análise fornece um comentário metassocial sobre a tendência à hierarquização fixa dos seres humanos e sua organização da existência coletiva em torno dessa distribuição (TEIXEIRA, 2019). A investigação tem uma função interpretativa, ou seja, é uma leitura balinesa da experiência balinesa, a história deles mesmos (GEERTZ, 1978, p. 315). Como função interpretativa, Clifford Geertz descreve a etnografia como a tentativa de se ler um manuscrito que é incompleto, contraditório e com possíveis comentários tendenciosos, mas em exemplos de comportamento moldado (p. 315). Essa questão representativa ligada à realidade — a dualidade **alteridade** e **escrita** —, que se torna um dilema na carreira do etnólogo/etnógrafo, era um dos tópicos questões centrais nos estudos do antropólogo americano (GEERTZ, 1988, p. 19).

Acredita-se haver, no romance do alemão Michael Krüger, uma condição de diálogo entre sua obra e os ensaios de Geertz, pois a alteridade e a escrita ganham expressão, na medida em que podemos perceber a questão da sociedade a partir do indivíduo. Na narrativa de Krüger, a percepção de Richard sobre a própria cultura alemã, na época em que esteve no Brasil, mistura-se com o próprio questionamento da construção da inautêntica identidade ao longo de sua vida. O amálgama temporal na obra não é por acaso. No decorrer do tempo, Richard, por meio da leitura, escrita e do relato, vai se transformando ao longo do próprio ato da narração retrospectiva, evidenciando, assim, a questão da alteridade e escrita, tópicos centrais das obras referenciadas, dos autores alemão e americano (FERNÁNDEZ-PALACIOS, 1995, p. 114).

Esse diálogo entre as obras de Krüger e Geertz pode ser também evidenciado por uma briga de galos narrada no romance do escritor alemão. Na literatura, a presença das rinhas é significativa. Gabriel García Márquez, Alex Halley e o brasileiro Jayme Caetano Braun já fizeram uso da alegoria em suas obras (TEIXEIRA, 2019). O texto de Krüger faz a referência à luta de galos na cidade de São Paulo. Na passagem, Richard e Luiza — uma brasileira meio alemã¹¹ e única mulher que ele conhecia na cidade —, vagueando pela noite paulista, acabam adentrando em um local sombrio, onde ocorre uma briga de galos. Como a amplitude da obra de Michael Krüger abre espaço para múltiplas inscrições, a alusão dessa passagem à obra de Geertz ganha também uma interpretação simbólica de virilidade. O antropólogo faz uma análise metafórica de que os galos simbolizam a virilidade dos próprios balineses (GEERTZ, 1978, p. 207). Segundo o

¹¹ “Luisa war Halbdeutsche” (KRÜGER, 1997, p. 21).



autor, os balineses abominam atitudes violentas e, na briga de galo, toda a animalidade submerge. Leal afirma que “a briga de galos é uma celebração da masculinidade onde os homens (...) reforçam certos atributos acreditados como essência do masculino” (LEAL, citado em TEIXEIRA, 2019). Jayme Caetano Braun, que foi um renomado repentista e poeta do Rio Grande do Sul, expressa em sua poesia a identificação dos homens (gaúchos) e galos, por exibirem atributos comuns, como bravura e coragem (TEIXEIRA, 2019). No texto de Krüger, a identificação varonil se dá quando a atmosfera peculiar da rinha de galos provoca uma inquietação em Richard, causando-lhe uma histeria sem palavras. Ele pega Luiza pelas mãos, leva-a a outro local e os dois desfrutam de um momento íntimo, como se a briga de galos tivesse despertado uma forte virilidade em Richard.

Fiquei tão empolgado que pedi a Luiza que não esperasse a próxima luta. Uma perturbação inquietante, estimulada pela atmosfera peculiar tomou conta de mim e levou a uma mudez histérica. Não falei mais nada, inalei o ar úmido com um suspiro ofegante e corri sempre dois passos à frente, arrastando pela mão a mulher hesitante atrás de mim.¹² (KRÜGER, 1997, p. 35)

Em contraposição à juventude e varonilidade, a morte anunciada acompanha a narrativa em várias situações e ganha mais força com a proximidade do seu aniversário de 80 anos. A carta de Leo Himmelfarb, reivindicando sua autoria na obra sobre os indígenas, demanda um confronto final que ele e Richard combinam, sob forma de um encontro, em uma cidade espanhola. O título em português, *A última página*, sugere a valorização desse compromisso, manifestando a característica fragmentária, temporal e existencial da obra. Entretanto, Leo não aparece, deixando em aberto o final do romance, levando possivelmente Richard a ter de tomar uma decisão, ou seja, ser seu próprio juiz de uma vida roubada.

¹² No original: “Ich war so erregt, dass ich Luisa drängte, nicht noch einen weiteren Kampf abzuwarten. Eine zappelnde Unruhe hatte mich ergriffen, die durch die eigentümliche Atmosphäre angefacht worden war und zu einer hysterischen Sprachlosigkeit führte. Ich sagte nichts mehr, atmete schwer keuchend die feuchte Luft ein und rannte immer zwei Schritte voraus, die zögernde Frau an der Hand hinter mir herziehend.”



CONCLUSÃO

A cultura como texto e o texto sendo o resultado de determinada cultura remetem-nos ao papel do etnólogo/etnógrafo em suplantar a efêmera estrutura de seu objeto, por meio de sua escrita, que é marcada por sua vivência pessoal. Ao ler um texto, estamos lendo a produção de uma cultura entremetida pela interpretação de sua autora ou de seu autor. Se o texto em questão é um arremedo, teríamos duas questões interpretativas ligadas à realidade: o dualismo **alteridade-escrita** e a duplicidade **autor-plágio**. Nessa perspectiva, o artigo procurou evidenciar aspectos da obra literária *Himmelfarb* que revelam diferentes culturas e seus respectivos porta-vozes, tendo a alteridade, também sob o ponto de vista dual, como obstáculo e, ao mesmo tempo, fomento de reflexão e comunicação.

Richard camuflou-se durante 50 anos, por intermédio da figura de Leo Himmelfarb, escondendo-se por entre palavras que não eram suas, ideias que não lhe pertenciam e uma vida que não lhe cabia. Richard diz que se ocupou demais com a morte para esperar qualquer coisa dela, mas que ela sempre será injusta e definitiva, sem a máscara (KRÜGER, 1997, p. 118)¹³. Hoje, essa máscara, usada por décadas, e a traição a Leo lhe corroem a alma.

REFERÊNCIAS

ALTMAYER, C. *Kultur als Hypertext: zur Theorie und Praxis der Kulturwissenschaft im Fach Deutsch als Fremdsprache*. Munique: Iudicium, 2004.

BOYD, W. *Memoir of a plagiarist*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1994/10/30/books/memoir-of-a-plagiarist.html>. Acesso em: 2 jul. 2019.

ETNOLOGIA. In: HOUAISS. *Grande dicionário Houaiss*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-2/html/index.php#4>. Acesso em: 3 jun. 2020.

FERNÁNDEZ-PALACIOS, E. M. ¿Quién soy yo? La construcción del sujeto en *Himmelfarb* de Michael Krüger. In: BERMÚDEZ, J.; FARRELL, M.; MESEGUER, L. (Orgs.) *Subjecte i creativit*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 1995, p. 113-122.

¹³ No original: “Wahrscheinlich habe ich mich zu lange mit dem Tod beschäftigt, um noch etwas von ihm zu erwarten. Er wird immer ungerecht sein, und er wird endgültig sein, ohne Maske.”



FREUD, S. *Introductory lectures on psychoanalysis*. Tradução de James Strachey. Nova Iorque: Penguin Books, 1991.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Works and lives: the anthropologist as author*. Stanford: Stanford University, 1988.

GUTJAHR, O. Interkulturalität: zur Konjunktur und Bedeutungsvielfalt eines Begriffes. In: BETHIEN, C. et al. (Orgs.) *Germanistik als Kulturwissenschaft – eine Einführung in neue Theoriekonzepte*. Reinbek: Rowohlt, 2002, p. 345-369.

KRÜGER, M. *A última página*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Himmelfarb*. Frankfurt am Main: Fischer, 1997.

MONTERO, P. *Multiculturalismo, identidades discursivas e espaço público*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752012000400081&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2020.

PEIRANO, M. *Etnografia, ou a teoria vivida*. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SEVERINO, A. J. A. *Epistemologia latino-americana e o desafio da interculturalidade*. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/pdfs/V-ENCONTRO-DE-PESQUISA-10.15.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

TEIXEIRA, S. A. *O simbolismo essencial das brigas de galos*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831997000200223. Acesso em: 29 jun. 2019.

